

A FIGURA DE FREI JOÃO DE VASCONCELOS NO PARNASO LUSITANO DE SÓRORA VIOLANTE DO CÉU. CONTRIBUTOS PARA O ESCLARECIMENTO DE ALGUNS POEMAS*

FR. ANTÓNIO DE SÃO JOSÉ

(ANTÓNIO-JOSÉ) D'ALMEIDA (O.P.)

CONVENTO DE CRISTO REI, PORTO

ACADÉMICO DE MÉRITO DA ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA

ajdalmzenit@gmail.com

<https://doi.org/10.21747/0873-1233/spi32a1>

RESUMO: Tomando como base dois poemas de Sórora Violante do Céu incluídos na coletânea póstuma *Parnaso Lusitano*, dedicados a Frei João de Vasconcelos, partiu-se para uma interpretação de alguns poemas da autora à luz da cultura do seu tempo e da Ordem religiosa a que pertencia, para confirmar não só a grande formação cultural e teológica de Violante do Céu, como a necessidade de se lerem alguns dos seus textos entre a poesia e a teologia.

PALAVRAS-CHAVE: Sorora Violante do Céu, *Parnaso Lusitano*, Frei João de Vasconcelos, Virtudes de um Inquisidor, Natal e Eucaristia.

ABSTRACT: Based on two poems by Mother Violante do Céu included in the posthumous collection *Parnaso Lusitano*, dedicated to Father João de Vasconcelos, this study undertakes an interpretation of some of the author's poems in light of the culture of her time and the religious order to which she belonged. This interpretation aims to confirm not only Violante do Céu's extensive cultural and theological background, but also the need to read some of her texts within the framework of poetry and theology.

KEYWORDS: Mother Violante do Céu, *Parnaso Lusitano*, Father João de Vasconcelos, Virtues of an Inquisitor, Christmas and Eucharist.

O *Parnaso Lusitano de divinos e humanos versos*¹, é a publicação póstuma (1733) de uma coletânea de poemas da autoria da Madre Sórora Violante do Céu

* FCT Projeto MOISTER (Referência 2022.08369.PTDC).

¹ CÉU, Sórora Violante do (O.P.) – *Parnaso Lusitano de divinos, e humanos versos*. Lisboa Ocidental: na Oficina de Miguel Rodrigues, 1733, 2 vols. (com paginação contínua).

O.P. (*1601 - †1693)², monja do Mosteiro de Nossa Senhora do Rosário ou da Rosa, em Lisboa³. Nesta coletânea, nas páginas 41 e 42 do 1º volume, encontram-se dois sonetos dirigidos ao «Venerável Padre Mestre Fr. João de Vasconcelos, Provincial de São Domingos em Portugal». O Padre Frei João de Vasconcelos O.P. (*1590 - †1652)⁴ foi Prior da Província de Portugal da Ordem dos Pregadores de 1637 a 1641⁵.

O título de «Venerável» refere-se ao facto de ele ter falecido em 'odor de santidade'. Vinte anos depois da sua morte, em 1652, é publicado em Lisboa, por Manuel da Silva, um opúsculo de 8 fôlios (16 páginas) acerca da sua «felice morte»⁶. Para a causa da sua beatificação, o Padre Mestre Frei Andrés Ferrer de Valdecebro O.P. (*1620 - †1680) foi encarregado de escrever, em castelhano, a sua biografia⁷. Veremos agora os dois poemas de Sôror Violante do Céu a ele dedicados.

I. O Inquisidor rigoroso e piedoso

Vejamos em primeiro lugar o soneto 55⁸:

Que bem do Patriarca mais triunfante
Exercitais, Senhor, o sacro ofício
Pois a virtude honrais, troncais o vício,
Como reto Juiz, Pai vigilante!

² ROSÁRIO [Sousa Carvalho], Fr. A[ntónio] do (O.P.) – *Escritores dominicanos, século XVII, com obras meores*. Porto: Arquivo Histórico Dominicano Português, 1995 (3 vols., com paginação contínua), vol. 1/III. *Nomes das Letras L a V*, nº 105, p. 439-443.

³ MORUJÃO [de Beires], Isabel [Maria Ventura] – *Álbum de Família: representações da santidade na poesia de Violante do Céu*. In GOMES, [Ana] Cristina Costa, e.a. (coord.) – *Rastos Dominicanos de Portugal para o Mundo*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2022 (p. 120-146), p. 119.

⁴ ROSÁRIO, Fr. A. do (O.P.) – *Escritores dominicanos, século XVII, com obras meores*. Porto: Arquivo Histórico Dominicano Português, 1995, vol., 1/II. *Nomes das Letras B a J*, nº 71, p. 211-235.

⁵ ALMEIDA, Fr. António-José de (O.P.) – *Imagines Sacrae' no Convento de São Domingos de Benfica. A Encomenda de Fr. João de Vasconcelos OP*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1998, 2 vols. Tese de Mestrado (inédita), vol. I, p. 23; DINIZ, Fr. Gonçalo [Martim Vieira Pereira] (O.P.) – *Breve história dos frades da Ordem de São Domingos em Portugal*. Fátima: Ordem de São Domingos em Portugal, 2021, p. 259.

⁶ BREVE SUMARIO da Felice Morte, ou para melhor dizer, Transito glorioso do veneravel Padre Mestre Frey Joao de Vasconcellos da Ordem dos Pregadores. Lisboa: por Manuel da Silva, 1652. Existem dois exemplares desta obra na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (Biblioteca Joanina) e um na Biblioteca Pública de Évora.

⁷ FERRER de VALDECEBRO, F[ra.] Andrés (O.P.) – *Historia dela Vida del Venerable Padre Maestro F[r]ay Iuan de Vasconcelos dela Orden de Predicadores*. Madrid: por D. Maria Rey, 1669, 2 livros (com distinta numeração de fôlios) em um volume.

⁸ CÉU, Violante do – *Parnaso Lusitano...*, ob. cit., 1733, vol. 1, p. 41. Nesta transcrição, tal como em todas as muitas que ocorrem neste artigo, optou-se por atualizar a grafia da época, em articulação com os critérios editoriais que se estabeleceram para a edição da obra de Violante do Céu, que o projeto MOISTER está a levar a cabo e se encontra no prelo. Os destacados são da minha responsabilidade.

Se sustentar a esfera militante
Teve o Santo Gusmão por exercício,
Vós também sustentando outro edifício,
Sois da Religião discreto Atlante.

Mas se quereis em tudo ser traslado
Daquele, que do mundo foi espanto,
Não admitais⁹, Senhor, o rigoroso:

Prudentíssimo Pai, douto Prelado,
Se imitais a Domingos em ser Santo,
Imitai-o também em ser piedoso.

Na primeira quadra, São Domingos de Gusmão («o Santo Gusmão», da segunda quadra) é designado, no presente poema, como «Patriarca» da Ordem dos Pregadores, uma vez que é o seu fundador. Nessa mesma estrofe, Frei João é comparado a São Domingos, considerado na época o primeiro Inquisidor¹⁰. Os historiadores, atualmente, discordam desta opinião, com base na discrepância entre a data da sua morte e a da instituição da Inquisição¹¹.

O Padre Vasconcelos teve, como São Domingos, o «sacro officio», i.e. o Santo Ofício de Inquisidor, desde 23 de Novembro de 1632¹² e durante 22

⁹ Neste verso, o verbo “admitir” tem o significado arcaico de “depor”, tal como regista VIEIRA, Frei Domingos (O.E.S.A.) – *Grande Dicionário Português ou Thesouro da Língua Portuguesa*, vol. 1 (A – Bizantino). Porto: em casa dos editores Ernesto Chardron e Batholomeu H. de Moraes, 1871, p. 162, 2ª col. A forma verbal deve ser lida como “não deponhais”, pois provém do latim *dimittere*: “ADMITIR, v. a. ant. (Do latim *dimittere*, com o prefixo «a»). Deixar, entregar, largar, demitir, depor. (...) Está fora do uso.” Esta etimologia é diferente da do verbo português “admitir”, que vem do latim *admittere*, que significa “aceitar, receber, dar entrada, fazer lugar; introduzir em casa, dar licença, permitir, conceder, aprovar, sofrer, consentir, concordar, condescender”.

¹⁰ CACEGAS, Fr. Luís de (O.P.) & SOUSA, Fr. Luís de (O.P.) – *Primeira Parte da História de S. Domingos particular do Reino e conquistas de Portugal*. Imprensa no Convento de S. Domingos de Benfica: por Giraldo de Vinha, 1623 (1ª ed.), Livro Primeiro, cap. III (Na edição consultada: SOUSA, Fr. Luís de – *História de S. Domingos*. Porto: Lello & Irmão - Editores, 1977, vol. 1º, p. 30-31); FERRER de VALDECEBRO, A. – *Historia dela Vida del Venerable Padre Maestro...*, ob. cit., 1669, Libro I, fólhos 64v. e 65r.; BETHENCOURT, Franciso – *História das Inquisições: Portugal, Espanha e Itália*. [Lisboa]: Círculo de Leitores, 1994, p. 17, legenda na margem.

¹¹ «Il n’y a plus aujourd’hui d’historien véritable qui attribue à saint Dominique le titre d’inquisiteur. Une simple considération de date suffit à régler le problème. Dominique est mort en 1221 et l’office d’inquisiteur n’a été institué qu’en 1232 (Lombardie) et 1233 (Languedoc).» VICAIRE, [Fr.] M[arie]-H[enri] (O.P.) – *Saint Dominique et les inquisiteurs*. In «Annales du Midi: revue archéologique, historique et philologique de la France méridionale», tome 79, n° 82, 1967 (p. 173-194), p. 173.

¹² VALE, Teresa Leonor M[agalhães] – *O Convento de S. Domingos de Benfica, D. João de Castro e o Instituto Militar dos Pupilos do Exército*. [Lisboa]: I.M.P.E., 1996, p. 35; ALMEIDA, Fr. António-José de (O.P.) – ‘Imagines Sacrae’ no Convento de São Domingos de Benfica. *A Encomenda de Fr. João de Vasconcelos OP*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1998, vol. I, p. 23; DINIZ, Fr. Gonçalo (O.P.) – *Breve história dos frades da Ordem de São Domingos em Portugal*. Fátima: Ordem de São Domingos em Portugal, 2021, p. 82.

anos¹³. No tribunal da Inquisição, ele exerce a função de Juiz, honrando a virtude e truncando o vício, atitude e termos que constituem, como se verá, o lema da Inquisição e não a interpretação que dela pudesse estar a fazer a própria Violante do Céu.

A mesma Madre Violante recupera, aliás, este mesmo lema numa canção dedicada «A S. Pedro Mártir de Verona»¹⁴, dominicano e padroeiro da Inquisição, na sétima estrofe¹⁵:

*Que bien de Inquisidor el sacro oficio,
Ó Pedro, ejercitaste;
Pues venciendo el error, truncando el vicio,
Tantas glorias al Cielo duplicaste;
Que bien en el mostraste
Tu zelo, tu prudencia.
Pues del Divino Espiritu enseñado
Mostravas (favorable a la inocencia,
Y severo al pecado)
Gran piedad, gran rigor, firme cuidado.*

Na segunda quadra do soneto que nos ocupa, a comparação de Frei João com São Domingos estabelece-se através do epíteto «Atlante». Efetivamente, Sórora Violante utiliza de uma forma recorrente, no *Parnaso Lusitano*, este epíteto relacionado com São Domingos: «Ó Padre celestial, ó sacro Atlante»¹⁶; «un nuevo Atlante Español»¹⁷; «divino Atlante»¹⁸. Ele tem na origem o sonho do papa Inocêncio III, no qual este vê o homem de Deus Domingos sustentando a basílica-catedral do Latrão¹⁹, símbolo da «esfera militante», i.e. a parte da Igreja

¹³ FERRER de VALDECEBRO, A. – *Historia de la Vida del Venerable Padre Maestro...*, ob. cit., 1669, Libro I, fôlio 72; SANTA CATARINA, Fr. Lucas de (O.P.) (*1660 – †1740) – *Quarta Parte da História de S. Domingos particular do Reino e conquistas de Portugal*. Lisboa Ocidental: José António da Silva, 1733 (1ª ed.), Livro Terceiro, cap. XLVI (Na edição consultada: SOUSA, Fr. Luís de – *História de S. Domingos*. Porto: Lello & Irmão - Editores, 1977, vol. II, p. 1090).

¹⁴ CÉU, Violante do – *Parnaso Lusitano...*, ob. cit., 1733, vol. 1, p. 90-93.

¹⁵ *Ibidem* - Vol. I, p. 92.

¹⁶ CÉU, Violante do – *Parnaso Lusitano...*, ob. cit., 1733, vol. I, p. 29.

¹⁷ *Ibidem* – Vol. II, p. 932.

¹⁸ *Ibidem* – Vol. II, p. 936.

¹⁹ Isto é confirmado pelo Padre Mestre Fr. Tomás Aranha O.P. (*1588 – †1663), na *Aprovação à Segunda Parte da História de S. Domingos particular do Reino e conquistas de Portugal*. Nela, afirma que S. Domingos foi «Atlante (...) da Igreja Universal», indicando na nota de rodapé: «Summus Pontifex Innocentius III. vidit collabentem Lateranensem Basilicam a S. Dominico suis humeris sustineri» – SOUSA, Fr. Luís de – *História de S. Domingos*.

que peregrina neste mundo²⁰. Assim é narrado este episódio pelo Padre Frei Diogo do Rosário O.P. (†1580), no seu *Flos Sanctorum (História das vidas e feitos heróicos e obras insignes dos Santos)*:

Na noite (...) viu o papa [Inocêncio III] a visão que se segue: Parecia-lhe que a igreja de S. João de Laterão estava toda desliada e pera cair; e ele mui triste por isso. Vinha o P. São Domingos e punha os ombros à igreja, e a sustentava²¹.

Nos dois tercetos, a autora encoraja explicita e claramente a função mimética de São Domingos por parte de Frei João, indicando que, se ele quer ser imitador perfeito do fundador, apelidado de espanto do mundo («se quereis em tudo ser traslado», «se imitais a Domingos em ser santo»); deve exercer o seu ofício de Inquisidor como um Pai prudente que vigia a Igreja militante (comparada, como disse, a uma esfera), sustentando-a através da sua função no Santo Tribunal, tendo em contas as virtudes complementares («também») do rigor e da piedade.

O venerável Padre Vasconcelos é incitado, pois, neste soneto de Violante do Céu a imitar o Pai dos Frades Pregadores, no seu ofício de sustentar a verdadeira Religião, como Atlante, semelhante a Domingos. Ele deve seguir o ideal da Inquisição, conjugando Justiça com Misericórdia, sendo ao mesmo tempo rigoroso e piedoso. Não se trata, neste soneto de Violante do Céu, de simples adjetivos conjugados em par antitético comum, como era próprio dos estilemas do Barroco. A chave de leitura deste poema encontra-se, na verdade, no conjunto de referências internas que nele se encerram, que é necessário explicitar. De facto, quer as virtudes enunciadas, quer a atitude proposta decorrem desta sintaxe interna à Inquisição, na sua relação entre programa e deveres de um Inquisidor, que Violante do Céu mostra conhecer bem. Isto é bem salientado nas armas das Inquisições espanhola e portuguesa, com a figuração do ramo de oliveira (Misericórdia) e da espada (Justiça), ladeando uma cruz²².

Porto: Lello & Irmão - Editores, 1977, vol. I^o, p. 726.

²⁰ As outras duas partes, ou esferas, da Igreja são: a Igreja triunfante, formada pelos santos, no céu; e a Igreja padecente ou purgante, formada pelas benditas almas do Purgatório.

²¹ ROSÁRIO, Fr. Diogo do (O.P.) – *Historia das vidas & feitos heroicos & obras insignes dos sanctos: com muitos sermões & praticas spirituaes, que seruem a muitas festas do anno. Reuistas & cotejadas cõ os seus originaes autenticos, polo padre frey Diogo do Rosairo da ordem de são Domingos, de mandado do muy Illustre & Reuerendissimo senhor dõ frey Bartholomeu dos Martyres Arcebispo de Braga, Primas das Hespanhas, &c.* Braga: Antonio de Maris, 1567 (2 partes em 1 tomo), II^a Parte, p. 79v.

²² BETHENCOURT, Francisco – *História das Inquisições: Portugal, Espanha e Itália*. [Lisboa]: Círculo de Leitores, 1994, p. 79.



Fig. 1: Armas da Inquisição.

Fonte: Palácio do Tribunal da Inquisição de Évora, portal.

Afirma, a este propósito, Fr. Andrés Ferrer de Valdecebros:

Entran en mucho empeño los que entran a ser Inquisidores; pues, cuanto es grande la Dignidad, es mayor la obligación. Acompañan su autoridad dos excelentes virtudes, que son la justicia y misericordia; bien que, mirado por la corteza, todo parece justicia y rigor.

Se ofrece a los ojos una Sagrada Cruz que triunfa; y unas sentencias que condenan; unas insignias que infaman; unos testigos que atemorizan; y un silencio que con muchas voces habla. Esto todo son rigores, nada es piedad.

Pero, si penetra el corazón de todo esto la vista de la consideración, y no se detiene en las apariencias; hallará la Cruz Sacrosanta que triunfa, amorosa; las sentencias que condenan, suaves; las insignias que infaman, justas; los testigos que atemorizan, fieles; el mudo silencio que suspende, favor; y, todo junto, piedad²³.

O biógrafo de Fr. João de Vasconcelos, compara o seu trabalho como Inquisidor com o de um cirurgião e o dos pais:

El Cirujano que cauteriza, atormenta, pero sana; la pócima que se toma, amarga, pero dá salud; la sangría que se hace, duele, pero quita las fuerzas a la enfermedad. No es riguroso, el Padre que castiga los defectos y faltas de los hijos, pues embebe, lo que parece crueldad, piedad y misericordia grande. Hace el Tribunal Santo de la Inquisición lo que los

²³ FERRER de VALDECEBRO, A. – *Historia dela Vida del Venerable Padre Maestro...*, ob. cit., 1669, Libro I, fólío 73v.

Padres y Cirujanos: *No es rigor lo que rigor parece, sino amor y piedad; y fuera mas rigor no castigar, con que no puede ser el castigar rigor*²⁴.

E logo aplica ao Venerável Padre ou Servo de Deus o que acabara de dizer no geral:

Era suavísimo y blando *el natural del* Siervo de Dios, *que, acompañado con abundante elocuencia de que estaba dotado, reducía y rendía, hablando y persuadiendo al corazón más obstinado y duro. Era con los reos protervos y pertinaces, severo; con los reducidos y reconocidos, blando; en estos buscaba la firmeza, en aquellos la reducción. Era todo rigores al fulminar los procesos; era todo piedad al juzgar las causas, era todo entereza al pronunciar la sentencia*²⁵.

II. O Pregador do Verbo encarnado

E vejamos agora o soneto 65, dedicado «Ao mesmo Venerável Padre Mestre Fr. João de Vasconcelos, sobre um sermão que fez do Nascimento do Minino Jesus, no Convento da Rosa de Lisboa.»²⁶:

Tão raro, tão sutil, tão levantado
Explicastes (*Senhor*) a Deus nascido,
Que a não ser adorado pelo crido,
Se adorara também pelo explicado.

Tão divino vos fez Deus humanado,
Explicando *mistério tão subido,*
Que sem ser dos discursos compreendido,
Fostes dos pensamentos admirado.

Nasceu Deus *para dar-nos liberdade,*
Exagerastes vós seu Nascimento,
Para nos cativar toda a vontade:

²⁴ *Ibidem* – Libro I, fólhos 73v.-74r. Destacados meus.

²⁵ *Ibidem* – Libro I, fólio 74r. As palavras destacadas são da minha responsabilidade.

²⁶ CÉU, Violante do – *Parnaso Lusitano...*, ob. cit., 1733, vol. 1, p. 42.

*Oh vivei, discretíssimo portento,
Para ser exemplar de santidade,
Para ir de um aumento em outro aumento.*

Neste soneto, é elogiada a explicação feita pelo venerável Padre no «Nascimento» do «Deos humanado», bem como a sua competência expositiva, que o levou, através da arte oratória, a cativar a vontade do auditório. Embora se tenham perdido os escritos de Fr. João de Vasconcelos, podemos comprovar a sua devoção a este mistério espelhada no ciclo iconográfico que ele idealizou para os locais de culto do Cenóbio domínico de Benfica²⁷.

De modo particular, veja-se a *Adoração dos Pastores no Presépio de Belém*, tela assinada por Vicente Carducho (*ca.1576 - †1638), pintor régio, que sobrepuja o altar-mor e o sacrário monumental, do lado da nave dos fiéis, da igreja do antigo Convento de São Domingos de Benfica. É difícil actualmente decifrar com clareza a data que nela figura: 1626 ou 1636²⁸?

²⁷ Este assunto foi objeto da minha tese de mestrado (ainda inédita), apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: ALMEIDA, Fr. António-José de (O.P.) – ‘Imagines Sacrae’ no Convento de São Domingos de Benfica. *A Encomenda de Fr. João de Vasconcelos OP*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1998, 2 vols.

²⁸ MARTÍN GONZÁLEZ, J[uan] J[osé] – *Una adoración de los pastores de Vicente Carducho*. «Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología», tomo XLIX (1983) (p. 487-489), p. 487, lê 1626; SOBRAL, Luís de Moura – Cat. *Bento Coelho (1620-1708) e a Cultura do seu Tempo*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR), 1998, p. 218, di-la “anterior a 1638”.



Fig. 2: Vicente Carducho, *Adoração dos Pastores*²⁹

Fonte: Igreja de Nossa Senhora do Rosário – Templo da Força Aérea.

© Carlos Leal | Restart - Conservação e Restauro

2.1. Nossa Senhora descobrindo o Menino Jesus

O Padre Mestre Frei António da Encarnação O.P. (†1665)³⁰ descreve assim essa tela, na *Adição à Segunda Parte da História de S. Domingos, particular do Reino e conquistas de Portugal*:

Contém este quadro um agradável Presépio, em que está a Senhora descobrindo o Minino Jesu aos rústicos hóspedes [i.e. os pastores]; que, admirados com um alegre temor, mostram seu afeto ao fruto do Céu, nascido em sua ditosa terra.

²⁹ Veja-se foto a cores: ALMEIDA, Fr. António-José de (O.P.) – *El escultor Manuel Pereira y un milagro de Fray João de Vascelos, O.P., predicador de Felipe IV*. «Reales Sitios. Revista del Patrimonio Nacional». Madrid: Patrimonio Nacional, año XL (2003), nº 157 (3er. trimestre), (p. 20-31), p. 26.

³⁰ ROSÁRIO, Fr. A. do (O.P.) – *Escritores dominicanos, século XVII, com obras meores*. Porto: Arquivo Histórico Dominicano Português, 1995, vol. 1/I. *Nomes da Letra A*, nº 11, p. 47-71. O Padre Mestre Fr. Tomás Aranha O.P. (*1588 – †1663), na *Aprovação à Segunda Parte da História de S. Domingos particular do Reino e conquistas de Portugal*, chama-lhe «Reverendo Padre Mestre Frei António da Encarnação» – SOUSA, Fr. Luís de – *História de S. Domingos*. Porto: Lello & Irmão - Editores, 1977, vol. 1º, p. 726. Fr. António é o editor dessa *Segunda Parte*, como vem na página de rosto.

Devemos, em minha opinião, procurar a mensagem teológica contida neste quadro no contexto do seu enquadramento dentro da igreja em que se encontra. Com toda a certeza, Fr. João de Vasconcelos pregaria nesta igreja ao povo sobre a Encarnação do Verbo de Deus e o Santíssimo Sacramento do altar, apontando para este quadro, que se encontra mesmo por cima do altar-mor³¹. Maria, figura do sacerdote, descobre o Menino³², i. e., expõe o Santíssimo à adoração dos fiéis, representados pelos Pastores³³.

Diz, a este propósito, Maurice Vloberg³⁴:

*A Eucaristia renova a Encarnação, ela faz renascer sob a forma do Pão o mesmo Cristo nascido da Virgem Maria, como o saúda o hino do Santíssimo Sacramento*³⁵: Ave, verum Corpus, natum/ de Maria Virgine³⁶.

Nos fins do séc. XVI, Pier de Lode fez uma gravura com o tema *S. Francisco e Sta. Clara adorando o Menino Jesus no presépio*³⁷. Ao lado da manjedoura onde o Menino está deitado encontra-se uma custódia, a qual não me parece ser somente o atributo iconográfico de Sta. Clara (junto da qual se encontra) mas também sinal para a identificação do Menino com a Eucaristia. Esta gravura foi fielmente reproduzida entre nós por Josefa de Óbidos (*1630 - †1684) em 1647 numa pintura a óleo sobre cobre³⁸, que se encontra actualmente em Lisboa numa colecção particular e que figurou na exposição *Josefa de Óbidos e o Tempo Barroco*³⁹. O facto de termos esta prova insofismável de que referida gravura

³¹ Isso mesmo aconteceu ao autor destas linhas quando lhe foi dado aí pregar no tempo de Natal.

³² Lembremo-nos de que a nudez do Redentor representada nas imagens desde o séc. XV corresponde, para os fiéis da *Devotio moderna*, à necessidade de «ver o corpo de Cristo» (cf. DUMOUTET, Édouard – *Le Désir de voir l'hostie et les origines de la dévotion au Saint Sacrement*. Paris : G. Beauchesne, 1926): «Le corps du Christ y est présenté mystiquement comme le Saint Sacrement lui-même.» – RIGAUX, Dominique RIGAUX – *Le sang du Rédempteur*. In ALEXANDRE-BIDON, Danièle (dir.) – *Le pressoir mystique. Actes du Colloque de Recluses* (27 de Maio de 1989) (Prefácio de Jean DELUMEAU). Paris : Les Éditions du Cerf, 1990 (p. 57-67), p. 65-66.

³³ Veja-se o hino natalício, atribuído ao rei D. João IV de Portugal: *Adeste fidelis*.

³⁴ VLOBERG, Maurice – *L'Eucharistie dans l'Art*. Grenoble-Paris: B. Arthaud, 1946, 2 vols. (com paginação contínua), p. 269. Tradução minha.

³⁵ A sequência *Ave verum* é atribuída ao papa Inocêncio IV (†1254) – cf. BYNUM, Caroline Walker – *Holy Feast and Holy Fast. The religious significance of food to medieval women*. Berkley-Los Angeles-London: University of California Press, 1987, p. 32; ou ao papa Inocêncio VI (1352-62) – cf. RUBIN, Miri – *Corpus Christi. The Eucharist in Late Medieval Culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992, p. 156.

³⁶ Veja-se a tradução destes dois versos mais adiante, no texto.

³⁷ Museu Franciscano, Instituto Histórico da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, Roma.

³⁸ A identificação foi feita por MORGADO, Fr. José Joaquim Lopes (O.F.M. Cap.) – *Encontro com Josefa de Óbidos*. «Bíblica», ano XXXVII (1991), nº 217 (Nov.-Dez.), p. 3 (548).

³⁹ «Procede das antigas colecções do Duque de Lafões.» – SERRÃO, Vítor [Manuel Guimarães Veríssimo] (coord.)

tardo-quincentista foi conhecida entre nós na primeira metade do séc. XVII é mais um elemento a ter em conta a favor da minha tese da identificação entre o Menino e a Eucaristia na época da pintura em tela de Vicente Carducho para o arco de triunfo do altar-mor da igreja conventual de S. Domingos de Benfica.

Ora, no soneto para meditar o 3.º mistério do Santíssimo Rosário («Del Nacimiento de Cristo Señor nuestro»)⁴⁰, Madre Violante do Céu une intrinsecamente o Corpo do Menino Jesus, na Virgem Maria gerado e d'Elá nascido, com o verdadeiro Corpo de Cristo no sacramento da Eucaristia («pan de las almas»)⁴¹.

Neste soneto n.º XII, a autora dirige-se (como na maior parte das suas meditações dos mistérios rosarianos) à Virgem Nossa Senhora. Nele utiliza a metáfora do trigo para se referir ao Corpo de Cristo:

*Este trigo, que en pajas recogido
Anhela Rut con singular cuidado,
Si le adoráis, por ser de Dios sembrado,
Dios le sembró, por ser de vós nacido.*

*Si le queréis (Señora) ver crecido,
Rociadle bien con este llanto amado:
Pues sabéis, que le tiene el Rey sagrado
Para pan de las almas escogido.*

*Rociadle bien, que si en la humana esfera
Vuestra rara pureza no se hallara,
Nunca tan bello trigo el mundo viera.*

*Porque si Dios tan pura no os formara,
Aunque el género humano pereciera,
Nunca en la Humanidad tal pan sembrara.*

A «Señora», adora o «trigo», que é o Cristo, «sembrado» por Deus em Seu

– Cat. *Josefa de Óbidos e o Tempo do Barroco*. [Lisboa]: Telefones de Lisboa e Porto/Instituto Português do Património Cultural, 1993 (2ª ed.), p. 110.

⁴⁰ CÉU, Violante do – *Parnaso Lusitano...*, ob. cit., 1733, vol. 1, p. 9-10.

⁴¹ Já o tinha feito no soneto anterior, dedicado à meditação do 2.º mistério do Rosário («De la visitación»), ao chamar à Virgem Santa Maria (nos dois primeiros versos da 2.ª quadra) «del verdadero Sacramento (...) un virginal sacratio» – *Ibidem* – Ob. cit., 1733, vol. 1, p. 9.

seio. Esta imagem do trigo alude a um episódio da história de Rute (Rt 2), antepassada de Jesus, a que a autora se refere de forma muito breve.

Rute, recém-chegada a Belém com sua sogra Noemi (Rt 1, 22), «recoge» as espigas que os ceifeiros deixaram no chão, no restolho (que é palha enraizada). Começa a respigar durante a ceifa da cevada, mas só termina durante a ceifa do trigo (Rt 2, 23). Isto faz para conseguir o sustento de ambas. Por este trigo ela anelava «con singular cuidado», afirma Violante do Céu. O trigo é o cereal mais nobre. Ora Rute será a bisavó do rei David e, por isso, antepassada de Cristo. Numa leitura tipológica, o trigo prefigura Cristo (apelidado pela autora de «belo trigo»), por Quem a humanidade anseia.

Continuando a metáfora do trigo, a autora pede à «Señora» que regue com o choro («con este llanto amado»), uma e outra vez («Rociadle bien», por duas vezes), esse trigo semeado, para que cresça em Seu seio, uma vez que Deus («el Rey sagrado») escolheu «para pan de las almas». As lágrimas da «Señora» são de comoção enternecida, tal como o eram as «tiernas lágrimas que derramava» Fr. João de Vasconcelos durante as Procissões do Santíssimo dos Terceiros Domingos, nas quais «el Siervo de Dios» «en las manos llevaba» o «Divinísimo Sacramento», como nos conta o seu biógrafo⁴².

Nos tercetos finais, este poema, dirigido à Mãe de Deus, enaltece a Sua «pureza» como requisito para a encarnação e o nascimento de Cristo e, conseqüentemente, do Sacramento em que Jesus se dá em alimento. Deus semeia a Eucaristia «en la Humanidad», através da «Señora», figura da Igreja, pela qual nos é dado o Sacramento do Altar. Deus semeou esse trigo no seio de Maria (=Encarnação), para ser dado à luz como o pão vivo que é a carne do Filho do Homem (=Transubstanciação) (Jo 6, 51-56).

«Dios le sembró», para que d'Ela nascesse. A autora afirma, assim, a identidade entre o Menino nascido da Virgem e o Pão descido do Céu⁴³, como canta a Igreja nos dois primeiros versos do célebre hino eucarístico já citado: «*Ave, verum Corpus* (=Ave, ó verdadeiro corpo), *natum/ de Maria Virgine* (=nascido da Virgem Maria)».

Assim, o soneto de Violante do Céu fala de Jesus Cristo, nascido da Virgem Maria, como «trigo» e «pan», unindo intrinsecamente o Menino e o Sacramento. Não é de admirar que os Santos tenham frequentemente a visão do

⁴² FERRER de VALDECEBRO, A. – *Historia de la Vida del Venerable Padre Maestro...*, ob. cit., 1669, Libro II, fôlio 14v. Já escrevi sobre as lágrimas de São Domingos de Gusmão quando ele celebrava a Santa Missa: D'ALMEIDA, Frei António de São José (António-José) (O.P.) – *As lágrimas no primeiro Natal. Reflexões de frei Diogo do Rosário O.P. no seu Flos Sanctorum*. In MORUJÃO, Isabel & TEIXEIRA, Geise (ed. e coord.) – *Poética das Lágrimas. Olhares cruzados sobre textos e contextos femininos*. Porto: CITCEM, 2023, (p. 133-145), p. 143.

⁴³ Como o fará de forma explícita, no vilancico nº V dos dedicados «Al niño Jesús nascido», pela voz de um pastor.

Menino Jesus na hóstia consagrada, como é o caso de Santa Catarina de Sena (O.P.) ou de Sto. Inácio de Loiola (S.J.). Estas visões estão representadas em gravuras da época⁴⁴.

Note-se que Violante do Céu escreveu 39 vilancicos ao Santíssimo Sacramento, o que prova a grande vitalidade desta devoção no mosteiro da Rosa. Com estes se devem cruzar os poemas que, não tendo explicitamente assinalada esta temática, testemunham a centralidade deste mistério neste mosteiro dominicano feminino.

Fr. Andrés Ferrer de Valdecebro assinala a grande devoção do Venerável Fr. João de Vasconcelos pelo «Santíssimo Sacramento del Altar», dizendo que «el bendito Padre Maestro el que más le arrastró toda su afición fue el culto y veneración al Divino Sacramento del Altar»⁴⁵. Fomenta-a através dos Sacrários colocados nas reconstruções por ele encomendadas, tanto nos lugares de culto do Convento masculino de Benfica, onde foi prior,⁴⁶ como no Mosteiro feminino do Sacramento a Alcântara, de que foi Vigário⁴⁷. Aliás, a gravura de página inteira inserida na já referida *Historia de la Vida del V. P. M.º F. Iuan de Vasconcelos...*, 1669, representa Fr. João de joelhos diante do Santíssimo Sacramento exposto sobre o altar, mostrando, através de uma porta, as igrejas de Benfica e do Sacramento.

Também na 3ª oitava do poema «A la entrada del Santíssimo Sacramento en el nuevo templo de S. Ignacio y Colegio de la Compañía de Jesús de Lisboa», a Madre Violante compara «la casa de un Dios sacramentado» ao «pesebre»⁴⁸:

Venid a duplicar lo peregrino
De la casa de un Dios sacramentado;
Pues en lugar [en todo menos dino]

⁴⁴ *DIVAE CATHARINAE Senensis virginis Ss.ªm Ord. Praedicatorum Vita ac Miracula selectiora formis aeneis expressa.* Antuerpiae: apud Philippum Galacum, 1603, gravura X; *VITA BEATI P. Ignatii Loiolae Societatis Iesu Fundatoris.* Romae: [s.n.], 1609, gravura 18.

⁴⁵ FERRER de VALDECEBRO, A. – *Historia dela Vida del Venerable Padre Maestro...*, ob. cit., 1669, Libro II, fôlio 13v.

⁴⁶ Na Igreja Conventual, um sacrário monumental, em talha dourada – LAMEIRA, Francisco & LOUREIRO, José João – *Retábulos no Patriarcado de Lisboa.* Faro: Departamento de Artes e Humanidades da Universidade do Algarve & [S.I.], Fundação Millennium BCP, 2018, p. 188-191; na Capela do Noviciado, um baldaquino octogonal cobre o sacrário tendo por cima uma charola com seu zimbório, tudo em madeira entalhada – LAMEIRA, Francisco & EVARISTO, Carlos & LOUREIRO, José João – *Retábulos Relicário.* [Faro]: Departamento de Artes e Humanidades da Universidade do Algarve, D.L. 2016, p. 110-111.

⁴⁷ Neste caso, é uma enorme peça de ourivesaria: um globo radiante sustentado por «um Anjo da estatura de homem», coberto por uma charola de sete colunas – FERREIRA, Sílvia – *A Arte da Talha nas igrejas dominicanas de Lisboa: memória e actualidade.* In GOMES, Ana Cristina da Costa & FRANCO, José Eduardo (coord.) – *Dominicanos em Portugal – História, Cultura e Arte.* Lisboa: Aletheia Editores, 2010 (p. 333-349), p. 340 e fig. 8 (p. 349).

⁴⁸ CÉU, Violante do – *Parnaso Lusitano...*, ob. cit., 1733, vol. 1, p. 208.

*Al Verbo festejastes humanado:
Y pues en el pesebre lo divino
Vió la simplicidad tan duplicado,
Vea la erudición, virtud, y afeto
No solo la ocasión, sinó el efeto.*

Igualmente, em um vilancico, o nº V dos dedicados «Al niño Jesús nascido»⁴⁹, Sôror Violante põe um pastor a cantar ao Menino («Esto un pastor lo cantava/ al niño - 9ª quadra). Este pastor afirma que a «Encarnación» e a Transubstanciação («en pan os volverá amor» - 7ª quadra) são mistérios/sacramentos iguais: «otro misterio/ igual en la perfección» - (6ª quadra).».

O mesmo pastor, na 8ª quadra, chama ao Menino «pan entre pajas», aludindo ao facto de a Virgem Santa Maria ter reclinado o Corpo do Menino na manjedoura, sobre o feno; e proclamando, por isso, a presença verdadeira, real e substancial do Corpo de Cristo, tanto na manjedoura como sobre o altar:

*Por lo que, niño divino,
Pan seréis, y trigo sois,
Que para pan entre pajas
Estáis en esta ocasión.*

Isto será reafirmado na 8ª quadra do vilancico nº LXV dos dedicados «Al Nascimento»⁵⁰:

*El trigo puesto entre pajas
Tanto alentaré los hombres,
Que esperen comer de gracia
Pan, que gracias les otorgue.*

2.2. São José cuidadoso

Continua assim o Padre Encarnação, na descrição do quadro de Vicente Carducho, que se encontra na igreja do antigo Convento de São Domingos de Benfica:

É muito pera ver o Santo Esposo [i.e. São José] como enleado, e

⁴⁹ *Ibidem* – vol. 1, p. 333, nas quadras 5-9.

⁵⁰ *Ibidem*, vol. 2, p. 480.

*cuidadoso entre tanto desabrigo, e pobreza: aparecem multidões angélicas,
que vêm adorar, e reconhecer seu Deus Minino*⁵¹.

O cisterciense S. Bernardo de Claraval disse de São José: «Panem vivum e caelo *servandum accepit tam sibi quam toti mundo.*»⁵². Esta frase do chamado Doutor melífero pode ajudar-nos a compreender o significado profundo da presença, neste quadro, de S. José. O seu culto desenvolveu-se por esta altura, mercê da devoção por este santo propagada por Santa Teresa de Jesus (O.C.D.)⁵³. Na verdade, a presença de São José no quadro do *Presépio* de Vicente Carducho, tão perto do Divino Infante, remete-nos para a Reserva Eucarística⁵⁴, que se realiza também com vista à adoração.

Como o tinha feito o dominicano Frei Diogo do Rosário, a Madre Violante do Céu, num soneto, compara São José ao patriarca José do Egito. Dizia o Padre Rosário⁵⁵:

*Aquele José encileirou o pão e mantimento, não pera si senão pera todo
o povo. E este José recebeu em sua guarda o pão vivo que dos céus deceu,
pera si e pera todo mundo.*

Frei Diogo retoma no final deste trecho as palavras de S. Bernardo: «tam sibi quam toti mundo» (S. Bernardo) = «pera si & pera todo mundo» (Diogo do Rosário).

⁵¹ [ENCARNAÇÃO, Fr. António da (O.P.)] – *Adição á Fundação do Convento de S. Domingos de Bemfica*. In CACEGAS, Fr. Luís de (O.P.) & SOUSA, Fr. Luís de (O.P.) – *Segunda Parte da História de S. Domingos particular do Reino e conquistas de Portugal*, 1664, Livro II, Adição após o capítulo XVIII. (Na edição consultada: SOUSA, Fr. Luís de – *História de S. Domingos*. Porto: Lello & Irmão - Editores, 1977, vol. I, (p. 885-901), p. 890).

⁵² Destacado meu. «Recebeu o “Pão vivo descido do Céu” (Jo 6, 41,51) para guardá-lo, tanto para si como para todo o mundo» – S. BERNARDO DE CLARAVAL – *In laudibus Virginis Matris, homilia II*, § 16 (*Sources Chrétiennes* nº 390; BERNARD de CLAIRVAUX – *À la louange de la Vierge Mère*. Paris: Cerf, 1993, p. 166). Citado, sem referência, por BARGHAHN, Barbara von – “The Sun King Dom Manuel”, texto de uma comunicação ao *Encontro sobre as transformações na Sociedade Portuguesa* que teve lugar na Fundação das Casas de Fronteira e Alorna em novembro de 1996 (texto distribuído em trad. port. na sessão), p. 8 (do original em inglês), (trad. port. p. 3).

⁵³ Mais conhecida por Santa Teresa de Ávila.

⁵⁴ A Reserva Eucarística é o conjunto das hóstias consagradas que não foram consumidas durante a celebração da Santa Missa e que a Igreja Católica guarda no sacrário, para ser levada aos enfermos, para a comunhão de féis fora da Missa, e também para a adoração silenciosa dos féis; estando Jesus Cristo verdadeiramente presente no pão consagrado.

⁵⁵ ROSÁRIO, Fr. Diogo do (O.P.) – *Historia das vidas & feitos heroicos & obras insignes dos sanctos: com muitos sermões & praticas spirituaes, que seruem a muitas festas do anno. Reuistas & cotejadas cõ os seus originaes autenticos, polo padre frey Diogo do Rosairo da ordem de são Domingos, de mandado do muy Illustre & Reuerendissimo senhor dô frey Bartholomeu dos Martyres Arcebispo de Braga, Primas das Hespanhas, &c.* Braga: Antonio de Maris, 1567, Iª Parte, p. 167c.

Por sua vez, Soror Violante canta⁵⁶:

*Preveniendo el peligro más contrario,
Guarda trigo un Joseph de eterna fama⁵⁷,
Con que del mundo salvador le aclama
La varia multitud del vulgo vario.*

*Mas de otro mejor Pan depositario
Otro Joseph, que en Dios de amor se inflama,
Ostentando feliz su ardiente llama,
Guardó de Cielo, y Tierra el sacro erario.*

*Y porque en todo al otro pareciese,
Siete Abriles le tuvo tan guardado,
Que al primero excedió Joseph segundo:*

*Que mucho pues que el título adquiriese
De creador del Creador, que le ha creado,
De salvador del Salvador del mundo?*

O poema refere o «mejor Pan» que é Jesus Cristo na Eucaristia, de Quem José é «depositário», porque o guardou. Num jogo de palavras, o pai putativo de Jesus é chamado «creador», no sentido de cuidador, d'Aquele «que le ha creado», no sentido próprio. É também reconhecido como «salvador» temporal de Cristo, porque livrou da matança do rei Herodes o único Salvador eterno do género humano.

Eis, portanto, como existe, na poesia desta monja dominicana, um vasto conhecimento teológico e doutrinário, resultante de leituras que dominava com destreza e competência e que dotam a poesia de *Parnaso Lusitano* de uma forte consistência teológica e espiritual⁵⁸.

⁵⁶ CÉU, Violante do – *Parnaso Lusitano...*, ob. cit., 1733, vol. 1, p. 26-27.

⁵⁷ Neste verso, é José do Egipto que é referido.

⁵⁸ Vejam-se também os seguintes artigos de Isabel MORUJÃO, que já previamente chamaram a atenção para esta dimensão cultural e espiritual de Violante do Céu: *Entre o profano e o religioso. Processos de divinização na poesia de Soror Violante do Céu.* «Península: Revista de Estudos Ibéricos», vol. 1, 2004, p. 277-287; *A clausura e as Musas. Horizontes culturais e programa poético na dominicana Soror Violante do Céu do Mosteiro da Rosa.* In GOMES, Ana Cristina Costa, e.a. (coord.) – *Monjas Dominicanas. Presença, Arte e Património em Lisboa.* Lisboa: Aletheia Editores, 2008, p. 187-204; *Poesia e Liturgia em Soror Violante do Céu (1607-1693): pontes para Deus nas "Deprecações sobre os mistérios da Missa".* In GOMES, Ana Cristina da Costa & FRANCO, José Eduardo (coord.) – *Dominicanos em Portugal – História, Cultura e Arte.* Lisboa: Aletheia Editores, 2010, p. 142-157; *Álbum de Família: representações da santidade na poesia de Violante do Céu.* In *Rastos Dominicanos. De Portugal para o Mundo: 600 Anos*

Um pormenor curioso e pouco habitual nas representações relacionadas com o presépio de Belém é o facto de S. José, ainda no referido quadro de Vicente Carducho, aparecer representado com a vara florida. Uma explicação possível para este facto parece-me poder estar relacionada com uma provável indicação precisa do encomendante da obra, Fr. João de Vasconcelos, a fim de sublinhar a relação com a eucaristia. O florescimento do bastão de José indicou-o, em relação aos outros pretendentes, como o esposo escolhido pelos céus para a Virgem. Este tema da vara florida de São José foi divulgado no Ocidente pela *Legenda Áurea* do Beato Jacobo de Vorágine (Frei Tiago de Varazze O.P.) no século XIII, no capítulo *De nativitate Sancte Marie Virginis*, sendo traduzida em português no *Flos Sanctorum* de 1513⁵⁹. O único exemplar sobrevivente deste *Flos Sanctorum*, conservado na Biblioteca Nacional de Portugal, em Lisboa, parece provir, aliás, de uma casa dominicana⁶⁰.

E estando todos em oração, foi-se o bispo [=o pontífice, i.e. o Sumo Sacerdote] ao altar a pedir mercê a Deus que lhes desse em elo conselho, como fizessem. E ouviram todos uma voz no lugar da oração: e disse que todos aqueles que fossem da casa de David que não fossem casados que trouxessem cada um sua vara ante o altar. E aquele a quem enflorescesse a vara na maneira que profetizara o profeta Isaías ante muitos tempos passados [Is 11, 1-2a], e estevesse i o Espírito Santo como pomba sobre a vara, que sem dúvida aquele era, e devia ser esposo de Santa Maria. E, em aquelas gerações, era José de aquela linhagem que era chamada de casa de David. (...) E fizeram pena que viessem todos os de aquela linhagem. e que trouxessem suas varas. E trazendo José sua vara, logo enfloreceu; e veio uma pomba do céu e pôse-se em cima dela. E conheceram todos os do povo que este havia de ser esposo de aquela Minina [a Virgem Santa Maria]⁶¹.

Francisco Pacheco (*1569 – †1644), contemporâneo de Vicente Carducho, refere-se assim a este episódio, na sua *Arte de la Pintura* (editada postumamente em 1649)⁶²:

da *Província Portuguesa*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2022, p. 117-144 (já citado).

⁵⁹ *HO FLOS SANCTORUM em linguaem português*. Lisboa: Hermão de Campos & Roberto Rabelo, 1513, no capítulo intitulado “Do nascimento de nossa senhora a virgem maria”, impresso nos fôlios 134 a – 136 c.

⁶⁰ SOBRAL, Cristina [Maria Matias] – *Adições portuguesas no Flos Sanctorum de 1513 (estudo e edição crítica)*. Tese de doutoramento em Literatura Portuguesa (Época Medieval), apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2000, p. 34.

⁶¹ *HO FLOS SANCTORUM...*, ob. cit., 1513, fôlio 135 c-d.

⁶² PACHECO, Francisco – *Arte de la Pintura*. Sevilla: Simón Pajardo, 1649 (1ª ed.), Libro Tercero, cap. XII, [1.] (na edição anotada de BASSEGODA i HUGAS, Bonaventura – *El Arte de la Pintura*. Madrid: Cátedra, [1990],

Declarándose (...) esta Señora [la santísima Virgen] al Sumo Sacerdote que había hecho voto de virginidad, mandó se hiciese oración a Dios sobre ello; salió una voz del propiciatorio en que se le diese Esposo según la profecía de Isaías: agredietur virga de radice Jesse et flos de radice eius ascendit et requiescet super eum Spiritus Domini. [à margem: Isai., c. 11, vers. 1]

Vinieron todos los mancebos del linaje de David con sus varas y entre ellos San Joseph, cuya vara floreció brotando unas hermosas flores de almendro, sobre las cuales se puso el Espiritu Santo en figura de una blanquísima paloma.

Este milagre foi tomado do Antigo Testamento, onde honrava o sumo sacerdote Aarão⁶³. Remete-nos este atributo iconográfico para o relato do livro bíblico em que é narrado o florescimento da vara de Aarão, sinal este que dá origem à designação da tribo de Levi para exercer o sacerdócio entre os israelitas (Nm 17, 23). Esta vara florida de Aarão era guardada juntamente com um vaso de maná ('tipo' ou prefiguração do pão eucarístico) e as tábuas da Lei, na Arca da Aliança (Heb 9, 4). Este pormenor não deve ter sido deixado ao acaso, dada a preocupação manifestada nas obras encomendadas por Fr. João de Vasconcelos em não representar nada de apócrifo, como seria o caso do burro e da vaca, na cena do Presépio. A sua presença deve levar-nos a pôr em relevo a possível alusão velada ao sacrifício eucarístico. Digo possível, por não ter encontrado dados inofismáveis que possam corroborar esta minha afirmação.

No primeiro plano do quadro, destacam-se um cordeiro, e uma cesta forrada com palha de trigo contendo alvos ovos e tendo atrás duas galinhas. Para alguém que combate o naturalismo anedótico na pintura religiosa⁶⁴, é curioso este facto, que não é por isso mesmo displicente. Os ovos, postos em primeiro plano, são um símbolo convencional de regeneração que costuma aparecer neste tipo de representações⁶⁵.

p. 591).

⁶³ RÉAU, Louis – *Iconografía del arte cristiano*, t. 1 - *Iconografía de la Biblia*, vol. 2 - *Nuevo Testamento*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1996, p. 179.

⁶⁴ MARTÍN GONZÁLEZ, J. J. – *Una adoración de los pastores de Vicente Carducho*. «Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología», tomo XLIX (1983) (p. 487-489), p. 488.

⁶⁵ BROWN, Jonathan – *La Edad de Oro de la Pintura en España*. Madrid: Editorial Nerea, 1991, p.55b.

2.3. O presépio e a Eucaristia

A colocação desta tela neste lugar faz, pois, a ligação do presépio com a eucaristia, o que era comum na época⁶⁶. Sórór Violante do Céu a ela se refere em vários poemas do *Parnaso Lusitano*.

A religiosa desenvolve este tema em dois vilancicos de adoração, feitos para a Missa de Natal, um em castelhano (que designarei A) e o outro em português (que designarei B).

A) O vilancico em castelhano «Al Nascimento en la Misa»⁶⁷:

Adoro, Infante del Cielo,
Vuestra excelsa Majestad,
Ya con disfraz encarnado,
Ya con nevado disfraz.

⁵*Adoroos recién nascido*
En un dichoso portal,
Y adoroos sacramentado
En accidentes de pan.

⁹*Adoroos en el albergue*
De uno, y otro irracional,
Y adoroos en el destrito
Desta esfera de azahar.

¹³*Adoroos solemnizado*
Del pastor, y del zagal,
Y adoroos obedecido
De una, y otra potestad.

¹⁷*Adoroos en lo imperfeto*
De un pesebrillo incapaz,
Y adoroos en lo eminente
Deste trono de cristal.

⁶⁶ ALMEIDA, Fr. António-José de (O.P.) – ‘Imagines Sacrae’ no Convento de São Domingos de Benfica. *A Encomenda de Fr. João de Vasconcelos OP*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1998, vol. I, p. 143-148.

⁶⁷ CÉU, Violante do – *Parnaso Lusitano...*, ob. cit., 1733, vol. 1, p. 373-375.

- ²¹ *Adoroos entre pajuelas*
Como trigo singular,
Y adoroos entre candores,
Buelto en pan celestial.
- ²⁵ *Adoroos, dando nascido*
Gloria a Dios, y al hombre paz,
Y adoroos dando a las almas
Vida con eternidad.
- ²⁹ *Adoroos, siendo infinito,*
Mi Dios, en carne mortal,
Y adoroos, siendo Dios hombre
Vuelto en cândido manjar.
- ³³ *Adoroos en el pesebre,*
Honrando la humanidad,
Y adoroos en esta hostia,
Ostentandoos liberal.
- ³⁷ *En fin, niño divino, alta deidad,*
Adoroos Dios en carne, y Dios en pan.

B) O vilancico em português «Para levantar a Deos na Missa da noite de Natal»⁶⁸:

Adoro, Rey soberano,
Vossa divina pessoa
Já no indigno de um presépio,
Já no breve de uma hóstia.

⁵ *Adoro vossa grandeza*
Ao rigor da neve exposta.
E adoro-vos feito neve
Em uma cândida forma.

⁶⁸ *Ibidem* – Vol. I, p. 472-473.

- ⁹*Adoro-vos entre brutos,
Que tanta ventura logram,
E adoro-vos entre Anjos,
Que pão tão divino adoram.*
- ¹³*Adoro-vos disfarçado
Com uma encarnada roupa,
E adoro-vos encoberto
No limite da custódia.*
- ¹⁷*Adoro-vos na presença
Da mais soberana Aurora, ||
E adoro-vos escondido
No pão, que em vós se transforma.*
- ²¹*Adoro-vos já humanado
Por dar ao mundo vitórias,
E adoro sacramentada
Vossa divindade toda.*
- ²⁵*Adoro-vos, flor divina,
Entre Angélicos aromas,
Já como jasmin nevado,
Já como purpúrea rosa.*
- ²⁹*Em fim vossa Deidade,
Ó Rei da Glória,
Adoro no presépio,
E mais na hóstia.*

Nestes dois vilancicos, Sórór Violante põe em paralelo a Encarnação (B3: «no indigno de um presépio») e a Transsubstanciação (B4: «no breve de uma hóstia»), dizendo que adora «Dios en carne y Dios en pan» (A38) «no presépio e mais na hóstia» (B31-32). A estrutura retórica do poema sustenta este paralelismo, quer pela repetição anafórica («adoroos...y adoroos»), quer pela disjunção que sublinha a oscilação entre as duas realidades («já... já»), quer pela estrutura de parataxe («e» e «y»), que reforça a síntese das duas realidades. Afirma o poema que o «Infante del Cielo» (A1) foi «con disfraz encarnado» (A3), «disfarçado com uma encarnada roupa» (B 13-14), aludindo à Encarnação. Ao mesmo

tempo, diz que esse Infante está «sacramentado en accidentes de pan» (A7-8), «escondido no pão que» n'Ele «se tranforma» (B19-20) e «encoberto no limite da custódia» (B15-16), aludindo à Transubstanciação e ecoando assim as palavras de S. Tomás de Aquino (O.P.), quando este designa o Santíssimo Sacramento «latens Deitas, quae sub his figuris vere latitas»⁶⁹. A hóstia consagrada é chamada «nevado disfraz» (A4), devido à sua alvura.

2.4. Escritos coetâneos

Na ausência de sermões de Fr. João de Vasconcelos, socorremo-nos de duas obras impressas contemporâneas deles, a segunda das quais é um sermão, para nos colocarmos no ambiente que terá revestido esse Sermão de Natal, no Mosteiro da Rosa.

Em 1617, o Padre Frei Pedro Correia O.F.M. (†1634) escreve na Primeira Parte da obra intitulada *Triunfos Eclesiásticos*⁷⁰:

Notou Eusébio [de Cesareia] que o nascer de Cristo em Bethleem⁷¹ (que quer dizer Domus panis⁷², casa de pão) teve mistério em este Senhor ser pão vivo descido do Céu para vida da alma, conforme ao que ele de si disse por S. João no cap. 6. [41.]⁷³: Ego sum panis vivus qui de Coelo descendi.

Palavras de Eusébio: Est autem Bethleem Domus panis. quae sic quidem eiusdem est nominis, cum eo qui de ipsa profectus est Salvatore nostro, qui sit Dei Verbum, et ratio animalium rationalium est alimentum [Eusebius, De Demonstratio Evangelica, lib. 7. demonstr. 4. cap. 2.].

Nasce o pão da vida na casa do pão; fazendo-nos certos que ficámos tão ricos pelo nascimento de Deus, que já temos pão caseiro, sem ter necessidade de andar pedindo pão per casas albeias; e que quando este pão é vivo (panis vivus), não poderá faltar à alma vida, por falta de mantimento.

⁶⁹ Na primeira estrofe do *Adoro Te devoto*.

⁷⁰ CORREIA, Fr. Pedro (O.F.M.) – *Triunfos Eclesiásticos*[,] *Primeira Parte. Contem as festas principaes que em Oitubro, Nouembro, & Dezembro celebra a Igreja Militante em consonancia da Triumphante. Ocupação de Frey Pedro Correa frade Menor da santa Prouincia dos Algarues, Guardião de santo Antonio de Varatojo*. Lisboa: Pedro Craesbeeck, 1617, fólio 229 a-b.

⁷¹ Transcrição do hebraico BeTh (=casa de) LeHeM (=pão). Mantenho a grafia latina, em vez da fonética 'Belém', a fim de destacar a etimologia da palavra, que é o nó do discurso.

⁷² Coloco em redondo os textos em latim, que no original vêm em itálico.

⁷³ Coloco entre parêntesis retos os textos à margem, com o título das obras em redondo.

É o que Beda [Venerável] disse: que, por amor do Mistério e Sacramento do nome, quis Deus nascer em Bethleem (casa de pão). Propter nominis sacramentum Dominus in Bethleem nascitur. Bethleem namque domus panis interpretatur [Beda, liber I. In Lucae [Evangelium Expositio], cap. I].

Ó pensamento divino! Ó desenho profundo do nosso Deus! Nasça na casa do pão um Senhor, que no Sacramento do altar se há de dar em pão aos homens; mostrando a pontualidade de suas pagas, pois em retorno da carne (que recebeu de nós na Encarnação) nos dá sua carne (que a recebamos no Sacramento), fazendo o Caro mea [Ioan. cap. I. 14.] remuneração do Verbum caro [Ioan. cap. 6. 55.].

E em 1623, prega o Padre Mestre Frei Inácio Coutinho O.P. (†1647), «estando o santíssimo Sacramento desencerrado»:

Lembrem-vos as palavras do divino Crisóstomo⁷⁴, na Homilia 25 sobre São Mateus, onde chama este Senhor sacramentado extensão da encarnação (extensio incarnationis). E, deixadas outras declarações que os Doutores dão a estas palavras, a que me parece mais própria é: que este Sacramento foi continuação da obra da encarnação; como se mais claramente dissera o Santo: pela encarnação se comunicou este Senhor, pela instituição deste Sacramento se tornou a comunicar; e assi uma comunicação foi penhor da outra, uma mercê prenda de outra; e com a encarnação se houve por obrigado a se sacramentar, e o haver começado a fez continuar e ir avante e acabar.

E, neste sentido, chamou também o nosso Angélico Doutor Santo Tomás⁷⁵ a este divino Sacramento penhor da glória (Futurae gloriae pignus nobis datur)⁷⁶, porque não há de parar o Senhor aqui, comunicando-se-nos sacramentalmente, mas com o fazer assi, se dá por obrigado a passar muito adiante, glorificando-nos, e metendo-nos de posse da sua bem-aventurança (Futurae gloriae pignus nobis datur).⁷⁷

⁷⁴ São João Crisóstomo.

⁷⁵ São Tomás de Aquino (O.P.)

⁷⁶ Final do *O sacrum convivium!*

⁷⁷ COUTINHO, Fr. Inácio (O.P.) – *Sermam que pregou o P. Fr. Inácio Coutinho religioso da sagrada Ordem dos Pregadores da Provincia de Portugal. Na Igreja de S. Mamede da Cidade de Lisboa, na comemoração que por mandado do Illustrissimo & Reverendissimo senhor Arcebispo dom Miguel de Castro se fez pelas necessidades do Reyno, em quarta feira cinco de Abril de 1623. anno, estando o santissimo Sacramento desencerrado.* Lisboa: por Geraldo da Vinha, 1623, fólio 3r.

Como se comprova, toda a imagética convocada por Violante do Céu é, simultaneamente, poética, litúrgica e teológica, muitas vezes em estreito diálogo com a arte (pintura e gravura) do seu tempo, revelando uma cultura religiosa típica da sua época e, sobretudo, da Ordem dominicana. É neste enlaçamento e neste diálogo que se tem de desdobrar a leitura de muitos dos textos de *Parnaso Lusitano*⁷⁸.

Artigo recebido em 22/10/2025

Artigo aceite para publicação em 14/11/2025

⁷⁸ Agradeço a Isabel Morujão, especialista em Violante do Céu, a ajuda na realização deste artigo, sobretudo no plano literário, uma vez que as minhas especialidades, no âmbito da História da Arte, são a Iconoteologia e a ilustração do Livro Antigo.